

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim)
Ferreira Mendes
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHIEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE ABRIL DE 1913

N.º 342



Vasco da Gama

O immortal descobridor do caminho maritimo para a India

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de abril de 1913

RESPONDEU no dia 1 do corrente perante o Tribunal Marcial de Lisboa, sendo absolvida, a sr.^a D. Constança Telles da Gama, cabendo-me, portanto, o dever, que é ao mesmo tempo honra immerecida para mim, de registar o acontecimento nas columnas d'esta Revista, prestando á illustre e bondosa senhora a modesta homenagem do meu respeito e da minha admiração.

De D. Constança Telles da Gama tudo está dito, não podendo ninguém contestar que ella é hoje a primeira entre todas as senhoras portuguezas. O seu nome, que todos pronunciam com respeito e muitos com adoração — esses muitos que ha tanto tempo presos como conspiradores mais de perto tem conhecido os thesouros da sua bondade — ficará para sempre ligado á epoca que vamos atravessando, brilhando atravez das paginas da historia do nosso tempo, quando ella imparcialmente se escrever, como um ponto luminoso, como uma idéa consoladora, como um protesto vehemente contra a maldade de alguns e contra o desalento da maior parte.

Escusado é fallar dos actos de caridade que o seu illustre advogado, o dr. Antonio Osorio, apontou ao tribunal como sendo o unico crime da sua constituinte. Esses actos toda a gente hoje os aprecia devidamente. Eu o que desejo accentuar aqui, é a coragem d'essa senhora para quem a nobreza dos seus antepassados não é senão um incentivo para a pratica do bem, uma herança gloriosa que ella soube augmentar, juntando ao fulgor dos feitos guerreiros de Vasco da Gama o brilho da sua prestigiosa figura de mulher, visitando as cadeias, socorrendo os presos, protegendo-lhes as familias, vestindo-lhes os filhos, fazendo tudo isto com uma delicadeza tal, com taes extremos de gentileza, que de certo para muitos o pronunciar o seu nome equivale a dizer uma oração, a sentir um alivio, a ver renascer uma esperança.

O Tribunal Marcial, absolvendo-a, praticou, na minha opinião, um dever de justiça e um acto politico de largo alcance em beneficio da republica. A sua prisão, que foi um erro enorme, estava pesando demasiado sobre o regimen e não podia manter-se durante mais tempo. O quarto da sr.^a D. Constança, no Aljube, estava sendo um santuario d'onde irradiava a bondade, corajosamente posta em pratica, fazendo um contraste flagrante com o egoismo e com o médo que se apossou desde ha tres annos da nossa sociedade.

A ella, a essa illustre senhora, nada a assustou, nada conseguiu deter os nobres impulsos do seu coração formosissimo, da sua alma corajosa de mulher bem portugueza.

O bem que já praticava, quando em liberdade, foi a sua occupação dominante durante os longas mezes do seu captiveiro. As grades da prisão retinham-lhe o corpo, mas a sua alma — santa protectora dos presos politicos — caminhou sempre em liberdade atravez de todas cadeias, procurando para as suavisar, para lhes dar alivio, todas as dôres, todos os soffrimentos.

Que fazer, pois, senão absolvel-a?! Pois havia de augmentar-se esse erro já praticado de a ter presa tanto tempo?

Não, houve o criterio sufficiente para pensar que a perseguição

movida contra a sr.^a D. Constança Telles da Gama teve a todos os respeitos um resultado contraproducente. A prisão d'uma senhora, por motivos politicos, justificados ou não, affigure-se-me sempre um erro, e muito maior quando, como no caso presente, essa senhora dispõe das mais bellas qualidades e da mais illustre ascendencia.

Foi o regimen que trouxe á superficie da sociedade portugueza a figura altamente sympathica da sr.^a D. Constança, foi o regimen que, involuntariamente, lhe deu um logar de destaque no nosso meio, foi a cadeia que fez com que o seu nome enchesse por completo o nosso paiz e passasse as fronteiras para ir juntar-se, embora por motivo diverso, ao do seu glorioso avô, envolvendo-o a mesma admiração que o mundo culto tributa ao audacioso descobridor do caminho maritimo para a India.

A respeito d'esta senhora muito se tem escripto no sentido de impedir o prestigio sempre crescente do seu nome, repisando-se bastante o facto da sua caridade não se repartir igualmente pelos presos politicos e pelos criminosos vulgares.

E' um argumento que só o fanatismo politico pode dictar, porque só elle poderá admitir uma tal falta de logica e de bom senso. Esse argumento rebateu-o a sr.^a D. Constança no tribunal, affirmando dignamente a sua sympathia por uns e a sua repugnancia por outros, o que mais ou menos está no animo de toda a gente, excepto no d'aquella que persiste em considerar o assassino ou o ladrão igual ao criminoso politico quando este seja monarchico. Tal gente não repara, devido á cegueira das suas paixões, que está contra o criterio adoptado em todos os paizes, contra todas as praxes internacionaes.

Um coração bem formado, ao mesmo tempo bondoso e recto, como a da sr.^a D. Constança Telles da Gama, nunca poderia repartir com aquelles cujo convívio é repellido pela sociedade de todo o mundo o que é bem pouco para dar aos que estão soffrendo pelas suas idéias, convencidos, embora possam errar, de que batalhando por ellas trabalham pelo bem da patria.

Uma cousa eu quero tambem accentuar e é que sendo a sr.^a D. Constança a descendente d'uma raça illustre, ella tem sabido manter e afirmar brilhantemente a coragem, a altivez e a dignidade dos seus antepassados, dando assim um desmentido áquelles que nos estão sempre a moer os ouvidos com a degenerescencia das familias reaes e das familias nobres, como se só estas fossem susceptiveis de tal phenomeno.

Não, a theoria ou não é verdadeira ou pelo menos tem excepções. D. Constança Telles da Gama em nada degenerou das virtudes civicas dos seus ascendentes e como senhora representa para mim, e de certo para todos os patriotas, o typo ideal da mulher portugueza — intelligente e caritativa sem ostentação, forte e corajosa sem deixar de pertencer ao seu sexo.

Digam-me aquelles que sinceramente amam a nossa patria, quaesquer que sejam as suas ideas politicas, digam-me todos os que teem seguido com interesse a historia d'esta senhora, que assistiram ao seu julgamento ou o leram nos jornaes diarios, se D. Constança Telles da Gama não tem realmente qualidades dignas de serem imitadas pelas senhoras do nosso paiz ás quaes aliaz não faltam virtudes e sentimentos a que todos devemos prestar culto.

Se todas as mulheres fossem como a nobre prisioneira do Aljube, como seria grande a sua influencia na nossa sociedade, como todo se modificaria no espaço de poucos annos e no sentido de dar ao nosso querido Portugal um logar proeminente entre as nações da Europa!

J. NUNES DE FREITAS.

A conspiração monarchica



A sr.^a D. Constança Telles da Gama perante o Tribunal Marcial de Lisboa

(Phot. de ***)

A conspiração monarchica



Julgamento da sr.ª D. Constança Telles da Gama
A sr.ª D. Constança, á sahida do Aljube, beijando um dos seus sobrinhos

A MULHER

No nosso paiz correm ideias perfeitamente antagonicas ácerca do que seja a educação e instrucção da mulher. Uns tornam-na uma boneca frivola, educam-na superficialmente dando-lhe noções erradas ácerca dos homens e das cousas; outros querem que ella iguale o homem, aspiram a nivelar os direitos dos sexos sem meditar nas grandes responsabilidades que elles impõem. Qualquer destas ideias é profundamente nociva, não só para a familia como para a patria. A principal missão da mulher é ser mãe: e é para que bem desempenhe essa missão que a devem instruir e educar, tendo sempre em vista que é essa a sua principal vocação, embora muitos pretendam o contrario. Saber ser esposa e mãe não é uma sciencia ao alcance de todas: depende da educação e da instrucção. Póde uma criatura desejar do intimo d'alma desempenhar bem tão importante missão e não o saber fazer. A maioria das mulheres são habituadas desde crianças a gastar dinheiro sem dar valor ao que elle custa a ganhar e sem calculo algum. Assim, casando, se o marido não puder ou

não quizer entrar nos negocios domesticos, as receitas não darão para as despezas, a vida tornar-se-ha difficil e em breve impossivel. Ora não é entregando a mercenarios a direcção do lar, como fazem a maioria das senhoras elegantes, que a casa pode constituir o enlevo da familia. Eu não aprovo que as mulheres queiram ser homens, hobreando com elles nos direitos, pela grande responsabilidade dos deveres e porque, no combate diario pela vida, a mulher gastaria pouco a pouco a sensibilidade, da qual emana a ternura para com o marido, a meiguice para com os filhos, e o carinho para com os paes. O homem não deve vêr na mulher o rival ou competidor, como o melhor lhe queiram chamar, mas sim a socia das suas dôres e alegrias, o apoio moral na lucta extenuante que todos os dias tem de travar pela vida. A intelligencia da mulher cultivada pode e sabe apreciar todas as questões e, enquanto o homem, numa conferencia por exemplo, notou a vastidão do plano exposto, a grandeza ou mesquinhaaria das ideias, ella notou as minucias que elle deixou passar sem um reparo. A analyse dos dois completa-se e harmonisa-se, mas não se pode substituir porque o seu modo de apreciar é differente. A historia offerece-nos, é certo, exemplos de mulheres notabilissimas que offuscaram os homens do tempo. Joana d'Arc, Catharina da Russia, e tantas outras, foram criaturas extraordinarias que se impozeram á admiração dos povos. Mas deixaram de ser mulheres; tiveram de abdicar dos seus affectos para se entregarem ás suas obras. Mas, se todas as mulheres fossem heroínas, o que seria da familia? Ora, desde o momento em que a mulher queira ultrapassar os limites que lhe marca o bom senso, podemos formular a mesma pergunta por outra fórma ainda mais grave.

O que será dos filhos? Os filhos são os homens de amanhã. E' preciso não esquecer que as mães os devem educar na pratica do altruismo, dedicação e fé, que os faça amar a patria e dar por ella a vida sem hesitação, quando preciso fór. Se as mães lhes não enraizarem no coração sentimentos patrioticos, quem lh'os ensinará? A criança crê na mãe com devoção e amor, e não acre-



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Julgamento da sr.ª D. Constança Telles da Gama
O presidente do tribunal, coronel Andrade, e o auditor, dr. Mario Callixto (Phot. de ***)

dita nos outros do mesmo modo, nem lhe fica no espirito da mesma forma o ensinamento ministrado por estranhos. Eduque-se a mulher para mãe. Que ella deixe de ser um anzol para pescar ma-

alegre, cheia de belleza e juventude, ou velha alquebrada ao peso dos annos e dos desgostos, a mãe é sempre a mãe e o seu nome é sempre respeitado, doce e querido. Onde ha missão que seja



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Julgamento da sr.ª D. Constança Telles da Gama
Os advogados de defeza e entre elles o dr. Antonio Osorio

rido e perde-lo logo a fio, por não saber conserva-lo, ou porque lhe não liga attenção desde que deixou de ter nelle o incondicional admirador de todos os caprichos e exageros a que a moda arrasta, para ter o censor que não quer vêr ridicula, nem d'uma maneira equivocada, a mulher que usa o seu nome.

Que não queira nunca ser senão *mulher* e, quando necessite ganhar a vida, o faça de modo a que os outros nunca esqueçam que é *uma senhora* e que não quer deixar de o ser. Educada para poder substituir o marido, se tiver a infelicidade de o perder, mas preferindo sempre a tudo o seu Deus, a sua familia e o seu

superior á de educar os filhos e de dar homens d'gnos á terra que os viu nascer? Nenhuma.

MARIA O'NEILL.

PENSAMENTOS

Aquelle que plantou uma arvore antes de morrer, não viveu inutilmente.

PROVERBIO INDIANO.

Quem lê sabe muito; mas quem olha sabe ás vezes ainda mais.

ALEXANDRE DUMAS.

Não ha nada que mais reduza o nosso amor proprio como a



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA
Julgamento da sr.ª D. Constança Telles da Gama
Os dois co-reus da illustre senhora, o soldado Gomes Leite e o creado de servir José dos Santos Alves

lar, e considerando as suffragistas e outras quejandas como demolidoras do lar, as deplora e não as imite. O destino da mulher é ser mãe e, quer seja uma loira de vinte annos, sorridente e



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA
Julgamento da sr.ª D. Constança Telles da Gama
O capitão Andrade, promotor de justiça

observação de que desaprovamos algumas vezes o que aprovamos outras.

LA ROCHEFOUCAULD

Canção á guitarra

(IMPROVISO)

Oh! geme, guitarra, geme,
Que aos teus gemidos, agora,
A minh'alma tambem chora;
Oh! geme, guitarra, geme!

Escutando os teus lamentos
Tão ternos e pungitivos,
Entrejevo, por momentos,
Os meus mortos redivivos!

Aquelles que ha tantos annos
Já dormem na terra fria,
Terra onde vou, muitas vezes,
Rezar uma Ave-Maria!

A aragem nas folhas treme,
Quando vem rompendo a aurora;
Abrindo a violeta chora,
Oh! geme, guitarra, geme!

Oh! geme, que n'este mundo
Não gemem só desvalidos!
Geme na costa o mar fundo,
No occaso o sol tem gemidos!



A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Julgamento dos srs. drs. Carlos Garcia e Abel de Campos, do quintanista Fernando da Motta Cardoso (ausente) e d'alguns antigos policiaes

A' frente o dr. Abel de Campos, á esquerda o dr. Carlos Garcia

Tudo que foi me recordas,
E cada nota sentida,
Que vibras das tuas cordas,
São prantos da minha vida!

Ave-Maria Purissima,
Mãe das nossas amarguras!
E' conversar com os mortos,
Resar sobre as sepulturas!

Mas o sol tem muita aurora,
O mar tem muita bonança,
E eu já não tenho uma esp'rança...
Oh! chora, guitarra, chora!

BULHÃO PATO.



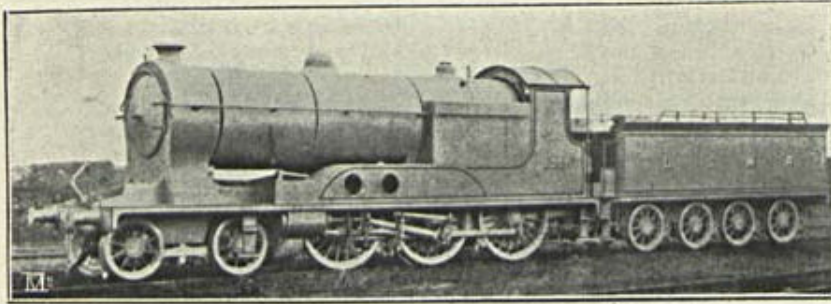
A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Julgamento dos srs. drs. Carlos Garcia e Abel de Campos e do quintanista Fernando da Motta Cardoso (ausente) — Um aspecto do tribunal (Phot. de *)**

Produção litteraria

A produção litteraria da França, segundo as ultimas estatísticas, é, em média, quasi a metade da da Allemanha, egual á

da Italia, e o duplo da da Inglaterra. No anno de 1901, por exemplo, appareceram na Allemanha, pouco mais ou menos, vinte e cinco mil obras, em França e na Italia onze mil, e seis mil na Inglaterra.

As locomotivas e o material circulante das vias ferreas



*Locomotiva de 4 cylindros e 6 rodas combinadas,
do London and South Western Railway*

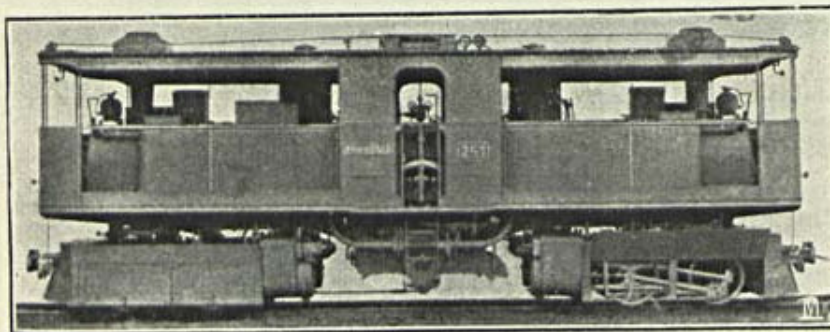
As locomotivas e o material circulante das vias ferreas

UMA das maiores conquistas da engenharia moderna foi, sem duvida alguma, o encurtamento das distancias terrestres por meio do emprego dos caminhos de ferro, que hoje sulcam o globo formando uma rede com mais de 1 milhão de kilometros de extensão.

Esses comboios são rebocados, como toda a gente sabe, por locomotivas, cujas transformações, sobretudo a partir de 1840, teem sido surprehenderentes. Já não vamos aqui fallar nas modificações obtidas até essa data e desde que



As locomotivas e o material circulante das vias ferreas
Locomotiva do Pensilvania Railroad



As locomotivas e o material circulante das vias ferreas
Locomotiva articulada «Fairlie» dos Caminhos de Ferro do Estado, em Saxe

circulou a primeira locomotiva em Inglaterra, no dia 24 de Dezembro de 1802, nos arredores de Camborne, arrastando uma carga de 10 T. e caminhando com uma velocidade de 8 km. á hora.

Hoje, as velocidades dos comboios teem augmentado espantosamente, o que deu origem ao emprego de novas locomotivas, cuja potencia ultrapassa, e muito, a das empregadas em 1840. Os carros para passageiros tambem soffreram grandes transformações, como o provam os carros dos comboios rapidos de longo curso.

A sciencia caminha sempre, fazendo constantemente novos descobrimentos e nada se importando com as questões politicas que á roda de ella se debatem.

Para que os comboios possam alcançar as velocidades com que hoje circulam nas vias ferreas, é necessario augmentar extraordinariamente a produção do vapor e isso consegue-se augmentando as dimensões da caldeira e as da grelha. Mas, por outro lado, este augmento de dimensões não é sem limite, pois que a largura da nossa via portugueza é de 1^m,73 e, portanto, a largura da grelha pouco deve ultrapassar essas dimensões;

alem de isso, foi preciso collocar a grelha sobre o rodado, o que teve como consequencia augmentar a altura da locomotiva. Essa altura é limitada pela altura dos tunneis e das passagens superiores e assim se viram os engenheiros obrigados a augmentar o comprimento da caldeira, diminuindo a altura da chaminé, o que obriga á produção de tiragem artificial, ordinariamente feita pelo vapor de escape dos cylindros.

O augmento de comprimento da caldeira dificultava a passagem nas curvas e isso levou os engenheiros a usarem, na parte dianteira das locomotivas, um bogie ou quadro de rodas, para lhdarmos uma designação portugueza. E hoje todas as locomotivas de comboios rapidos de longo curso teem na parte anterior aquella disposição.

O peso das locomotivas deve assentar todo sobre as rodas motoras, afim de que estas rodas pos-

sam rodar e não patinar. E', por isso, que as locomotivas teem 3 e 4 pares de rodas combinadas, isto é, ligadas por biellas. Os eixos de algumas supportam, cada um, a carga monstra de 16.000 kg. Não podemos deixar de nos sentir dominados por um sentimento de admiração, quando vêmos passar na nossa frente um expresso com velocidades vertiginosas, não só por causa de essa velocidade, como tambem pela ideia da força bruta necessaria para rebocar um tal peso.

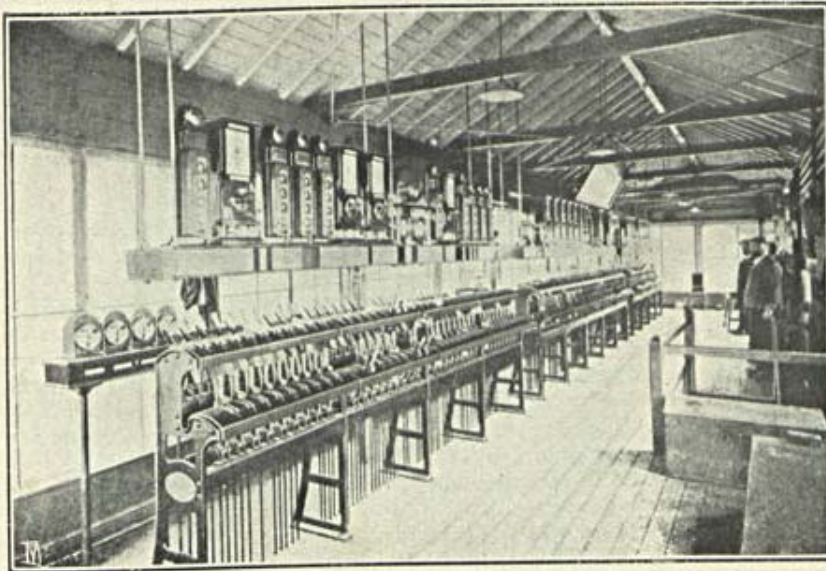
Para vêr quão espantoso é o numero de locomotivas que ha no mundo, basta-nos dizer que a Inglaterra possui uma locomotiva por cada 1,609 km. de via explorada; a companhia franceza do P. L. M. possui 2.970 locomotivas, 6.548 viaturas e 90.000 carros.

Vamos agora descrever rapidamente as 2 locomotivas representadas nas nossas gravuras.

Em primeiro lugar, achamos a locomotiva de 4 cylindros (machina Compound), com 6 rodas



As locomotivas e o material circulante das vias ferreas
*Locomotiva electrica de Siemens e Halske
do caminho de ferro allemão Marienfelde-Zossen*



As locomotivas e o material circulante das vias ferreas

*Vista interior do posto de signaes de Crewe Junction
(London and North Western Railway)*

combinadas e que pesa 78 T.; é installada sobre quadro de rodas e arrasta um pesado carro de carvão montado em 8 rodas. A Companhia do London and South Western Railway serve-se de esta poderosa machina para rebocar os comboios expressos de grande velocidade.

As machinas americanas fazem-se notar pela importancia das suas dimensões e do seu peso. Uma das nossas gravuras representa a locomotiva do Pennsylvania Railroad, que pesa 123 T e arrasta comboios de 500 T., para os quaes antigamente se empregavam 2 machinas.

A maior locomotiva que existe no mundo, é a que foi construida na America para as necessidades dos comboios de mercadorias da Companhia Erie Railroad. Esta locomotiva arrasta um comboio de 10.000 T. com a velocidade de 16 km., mede perto de 27 metros de comprimento total e pesa 265 T. Um homem conservar-se-hia de pé facilmente dentro da caldeira, pois esta mede 2^m,75 de diametro; o comprimento é de 12^m,00 e pesa 52.000 kg.; a capacidade é de 20 m. c.; a superficie de aquecimento é de 570 m. q. com 404 tubos de 0^m,060 de diametro e 7^m,00 de comprimento.

Fallemos agora das locomotivas electricas, actualmente usadas correntemente em alguns caminhos de ferro. A ultima locomotiva de este genero, construida em França, mede 20^m,00 de comprimento, pesa 136 T. e desenvolve uma potencia de 1.600 cavallos; as locomotivas electricas americanas pesam 100 T. e desenvolvem uma potencia de 3.000 cavallos.

A locomotiva electrica, representada na nossa gravura, é a usada nas linhas do caminho de ferro Marienfelde-Zossen, na Allemanha; bateu o record do mundo, attingindo a velocidade maxima de 160 a 210 km. á hora.

Segundo experiencias feitas pela Companhia New-York Central and Hudson River Railroad, provou-se que a locomotiva a vapor pôde attingir

velocidades que variam de 90 a 120 km., ao passo que uma locomotiva electrica, rebocando o mesmo peso, pôde attingir 130 km. á hora!

As velocidades dos comboios vão aumentando constantemente e, por isso, se torna necessario protege-los contra accidentes. Para isso, empregam-se signaes opticos e acusticos, havendo mesmo alguns de estes signaes que são automaticos.

As agulhas, discos e semaphoros são manobrados a distancia por alavancas, contidas numa casa, onde existe constantemente um empregado encarregado de abrir e fechar os discos, fazer e desfazer as agulhas, etc. A casa mais importante de este genero é a ingleza da Companhia do London and North-Western Railway, construida na estação de Crewe-Junction. Essa casa abriga, num espaço relativamente pequeno, 268 alavancas, accionadas pela electricidade. Ellas estão installadas de maneira que um unico agulheiro pôde executar 35 a 40 manobras no curto espaço de 10 minutos; o seu raio de acção é de 10 km.; a manobra de uma agulha faz-se em 3 segundos e a de um signal em menos de 1 segundo.

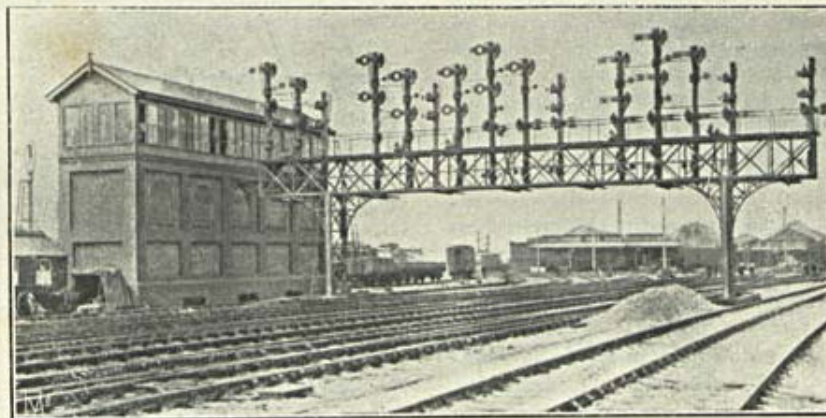
Dentro de algumas locomotivas tambem ha signaes e as locomotivas portuguezas do Sul e Sueste teem um registrador automatico de velocidades, nos quaes o machinista vê a todo o instante

a velocidade do seu comboio e, logo que essa velocidade chega a 60 km., ha uma campainha que vae tocando constantemente. De

todas as locomotivas em que viajâmos, só numa essa campainha tocava, porque as das outras... estavam avariadas.

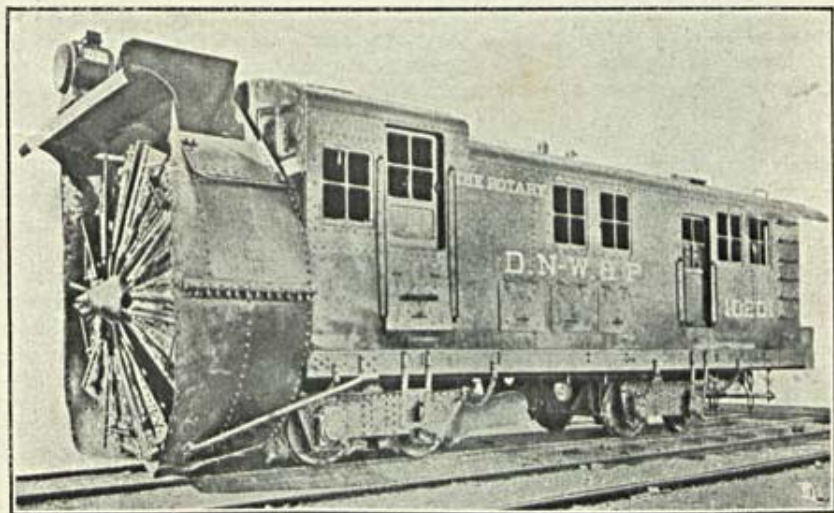
Além de todas estas locomotivas, tambem ha outras para expulsar a neve que obstrue a via, como vem representada uma na nossa gravura. E' uma das mais poderosas locomotivas postas em serviço na America; o carro é montado em 2 quadros de rodas com caldeira e machina; o apparelho cortante é formado por uma roda com 10 palhetas muni-

das de facas. A velocidade dos caminhos de ferro está assegurada pela potencia das locomotivas, pela grande estabilidade das vias,



As locomotivas e o material circulante das vias ferreas

Vista exterior do posto de signaes de Crewe Junction



As locomotivas e o material circulante das vias ferreas

Locomotiva com apparelho rotativo de expulsar a neve

pela ausencia de corpos extranhos sobre ellas. O conforto obtem-se por melhoramentos e aperfeiçoamentos, cada vez mais luxuosos, com camas e todos os accessorios precisos para percorrer grandes distancias.

Ir de Lisboa a Constantinopla é hoje um passeio facil, que se póde fazer com toda a segurança e commodidade.

AFFONSO DE CASTILHO.

Engenheiro Civil



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXVI

O CASO THEOPHILO

As declarações feitas pelo sr. dr. Theophilo Braga a dois jornalistas que o entrevistaram, são d'uma tal gravidade que justificadamente teem prendido as atenções geraes no paiz e sobretudo no estrangeiro, onde as principaes figuras visadas pelo presidente do governo provisorio estão occupando cargos diplomaticos de representantes da republica.

Logicamente o partido politico a que o sr. dr. Theophilo Braga pertence, vendo o effeito retumbante que tiveram as suas palavras, acudiu pela sua imprensa tentando deitar agua na fervura d'onde sahiram completamente pelladas algumas das figuras de mais evidencia no novo regimen. Mas essa tentativa e todos os consequentes remendos que quizeram applicar á profundissima brecha causada pelas palavras do ex-presidente do Directorio republicano, não conseguiram surtir effeito, deixando unicamente mais mal feridos alguns caracteres que teem uma noção da honestidade muito pouco invejavel.

Foi o sr. Theophilo ao Parlamento **dez dias** depois de publicada a primeira entrevista no *Seculo* e **sete dias** passados após a sua conversa com um collaborador do *Dia*, fazer declarações. Este estranho caso é devéras symptomatico e illucidativo; mas mesmo que nos limitemos a aceitar como boas as declarações d'aquelle professor, ellas unicamente encerram um dubio desmentido á *fôrma* como foram realisadas as entrevistas e nunca aos *factos* n'ellas apontados.

E' portanto a opinião de S. Ex.^{ta} o que o *Seculo* e o *Dia* disseram. Isso nos basta.

Não é já a primeira vez que o sr. dr. Theophilo Braga se refere com causticante severidade a alguns dos vultos que mais preponderancia disfructam na republica. As suas criticas ácerca dos srs. Antonio José d'Almeida e Brito Camacho, são biographias em braza que hão-de eternamente ficar prezas á vida publica d'aquelles dois homens. E a resposta d'estes, fustigando a individualidade do seu antigo presidente no governo provisorio, são chagas incauturáveis marcadas no primeiro chefe do Estado do regimen republicano.

E a não ser que fossemos parcialmente reconhecer qualidades a uns e negal-as a outros, temos que aceitar como boas todas as criticas com que mutuamente esses senhores se teem mimoseado. Aceitamos portanto que todos os defeitos e erros imputados pelo sr. Theophilo aos seus fustigados correligionarios são a expressão da verdade; e que igualmente correspondem á mais rigorosa justiça as palavras com que aquelles descrevem o ex-presidente do Directorio.

A conclusão final a tirar, é sem duvida um descalabro para os homens do novo regimen, mas não são os monarchicos que o dizem — são elles, republicanos, que o affirmam e portanto bem insuportáveis nos seus depoimentos.

O caso Theophilo foi originado por uma local no *Seculo* contendo esta espantosa declaração do presidente do governo provisorio, a proposito da alliança ingleza em Portugal:

Era bom, realmente, precisar os direitos e deveres que essa alliança impõe; todavia, enquanto os cargos diplomaticos forem occupados pelas individualidades que actualmente os occupam, não pensemos em tal. Eu sou sempre sincero nas affirmações que faço e em verdade vos digo que estou convencido de que governo algum pode tomar a sério como diplomatas os individuos que presentemente occupam as legações de Portugal.

Isto foi publicado no ultimo dia do mez de março; e nenhum desmentido aos *factos* ou rectificação ao *sentido* recebeu da pessoa a quem era attribuida tal opinião.

Bastaria portanto esta synthese, este resumo d'opinião do sr. dr. Theophilo Braga sobre as representações diplomaticas da republica no estrangeiro, para *dizer tudo*. Mas não ficou por aqui o conhecido professor. Dias depois o chefe do governo provisorio detalhadamente expoz a um collaborador do *Dia* o que consta da historica entrevista publicada n'aquelle jornal, e que constitue a demonstração minuciosa do enunciado publicado no *Seculo*.

Seria extenso transcrever na integra essas declarações. No entanto convem archivar algumas das passagens mais importantes insertas no *Dia*, n'um resumo illucidativo.

Com excepção do sr. dr. Bernardino Machado a quem o presidente do governo provisorio *por enquanto* poupou, todos os outros diplomatas são postos pelas ruas d'amargura.

Assim, segundo o sr. Theophilo, *Guerra Junqueiro foi para a Suissa por conveniencia pessoal e por lá anda fazendo cousas disparatadas; José Relvas, depois de ter entrado para o logar de ministro das finanças do governo provisorio por o placard do Seculo o ter noticiado* (sic) *está em Hespanha a fazer de pessoa grande e sendo afinal... el tonto mysterioso! João Chagas em Paris é um drama, uma lastima. E sobre este sr. o chefe do governo provisorio dá informes de tal ordem que o Dia considera interditos d'entrarem no dominio publico.*

Sobre *Teixeira Gomes* pergunta o sr. dr. Theophilo Braga *se um homem que publica o celebre manifesto ao povo inglez pode ser considerado um diplomata.*

E acrescenta:

«E vão pela mesma o Sidonio das mathematicas, que fez lá questão com o imperador Guilherme por causa do jantar que não comeu, e o Eusebio Leão, que os collegas de lá accusam de ter hospedado!! na legação. Isto é uma vergonha, meu amigo. Quanto ao Alves da Veiga... Nem falar n'isso! Salva-se um, meu caro: é o Bernardino, pode crer. E é então por essa gente que nós temos de ser defendidos? Podem chamar-me o que quizerem, mas o meu projecto salvava estas miserias.»

Refere-se em seguida o sr. Theophilo á celebre entrevista do Repide, concedida por elle e esse jornalista hespanhol nos tempos do governo provisorio. E n'esta altura classifica o sr. Brito Camacho do *Anofeles*, — *aquelle mosquito cujas picadas produzem febres palustres* — e termina por declarar que *se publicasse tudo quanto sabe, deixava muita gente na grilheta!*

O que fica apontado como simples resenha das palavras do primeiro chefe do Estado da republica, é a maior execução que os homens do novo regimen teem soffrido. A sua especialissima situação politica, o seu passado e, ainda a influencia que actualmente tem no partido que está agora no poder e onde é a figura primacial, dão uma significação tão importante ás suas palavras que escusado é encarecer a gravidade das suas declarações, que a longos commentarios se prestam com fataes conclusões para os republicanos.

Limitamo nos porém a perguntar: se um caso d'estes se tivesse passado no tempo da Monarchia o que diriam os republicanos? O que diriam do regimen que taes fructos dava, dos governos que estas situações creavam, dos partidos que tanta inepecia produziam?

Diriam, pelo menos... que os monarchicos eram uma *corja* que estava assassinando o paiz. E pediriam em altos gritos das tribunas dos seus comicios e nos grossos normandos dos seus jornaes que o povo salvasse a nação das mãos dos traidores.

Pois nós não dizemos nem pedimos nada, que é o melhor...

CRISPIM.

Com amôres me amofino,
Tenho um amor cada mês:
E' este o triste destino
De um coração portuguez.

AUGUSTO GIL.

Vida elegante



A sr.ª D. Maria Adelaide Calheiros (Guarda)
Condessa de Casal Ribeiro

A VIDA ELEGANTE

A *matinée* em honra da Sr.ª Marquiza de Paulucci di Calboli, organizada pelo redactor d'esta secção do *Brazil-Portugal*, com a valiosissima collaboração de Rey Colaço, madame Adelaide da Victoria Pereira, mademoiselle Hortence Fontana, actriz Lucinda do Carmo e professores Laureano Forsini, José Bonet e Carlos Quilez, foi uma festa mundana de grande brilhantismo de aspectos, não só pela encantadora realisação do programma, como pela numerosa e distincta assistencia que se juntou no lindo Salão Imperio do Theatro Nacional — cêrca de de quinhentas pessoas, entre as quaes se notavam mais de tresentas senhoras.

Ao promotor da festa coube no programma, uma despretençiosa palestra sobre *corações femininos*. Muito naturalmente o annuncio de que se trataria d'este melindroso assumpto despertou uma viva curiosidade no auditorio feminino. Mas, o conferencista logo no seu exordio explicou assim as intenções que o orientavam:

— «Effectivamente seria irrisoria pretensão a tentativa d'uma analyse psicologica ao que é insondavel mysterio até para as proprias mulheres... Confessem minhas senhoras que não raro nos succederá ter um movimento de revolta contra a despotica tyrannia com que a vossa vontade é domirada e orientada em obediencia a sentimentos que o vosso criterio condemna, mas que o vosso coração admite e impulsiona.

E' a força mysteriosa e indestructivel do destino, a fatalidade do temperamento, a suggestão do ambiente que respiraes?

Talvez a acção conjuncta de todos estes factores, exercitando-se de fórma que caminheis só guiadas pelo coração, vida fóra, ao encontro da felicidade, da desgraça, da consoladora alegria, da profunda e irremediavel dôr! Quem o sabe? E' tão vario o destino... e é tão traiçoeiro o coração!... De resto é sempre grave perigo querer sondar... o insondavel. D'uma vez, na redacção da *Tarde*, o velho poeta Raymundo de Bulhão Pato, contava uma antiga aventura de amor. Scintillava-lhe o olhar animado d'um brilho expressivo de entusiasmo e sacudia em movimentos nervosos a cabelleira branca que parecia aureolada d'um fulgor estranho. Tratava-se d'um caso singular, d'uma paixão torturante que agitara durante largo tempo um coração feminino, retalhan-

do-o, ensanguentando-o! Era um infindavel desfile de episodios dramaticos que se succediam, tornando eminente a aniquilação de duas vidas. Mas, como n'um lance de magica, essa tempestade inesperadamente esmoreceu; extinguiu-se a vida dos nervos que convulsionará durante tanto tempo aquella existencia.

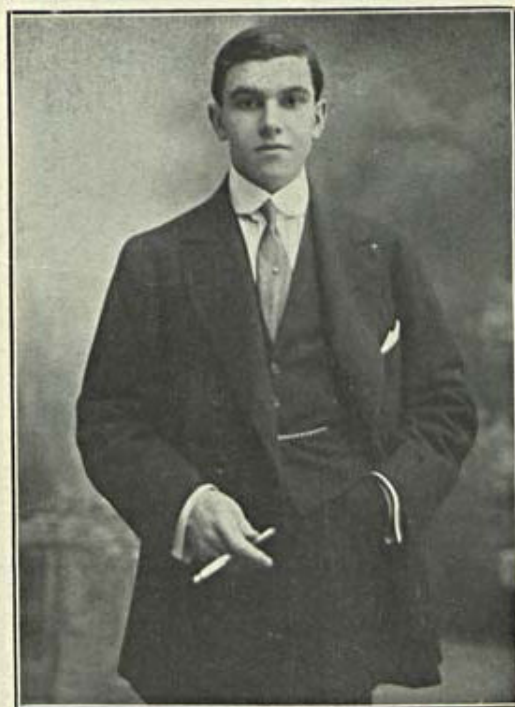
As nuvens densas rasgaram-se mostrando um pedaço d'azul risonho e puro. E' que a um affecto succedera outro affecto! E o poeta espantado da facilidade com que fóra operada essa curiosa transição, gritou para o auditorio: quem pode gabar-se de conhecer as mulheres?! Então, Urbano de Castro que o escutava, reardarguiu tranquillamente dando ao labio inferior aquella expressão de zombaria que lhe era peculiar:

— Querido amigo, se me dessem a escolher, entre a tarefa de estudar as causas mysteriosas que impulsionam o coração feminino e a missão de descobrir a direcção dos balões, iria pela ultima; sempre teria mais algumas probabilidades d'exitos!...

Seguidamente o conferencista lê a correspondencia trocada entre duas amigas, miss Ponderação e mademoiselle Frivolidade; e assim mostrou a photographia de dois corações femininos, nos seus variados aspectos e nas suas multiplas metamorfoses.

Uma das festas mundanas mais brilhantes da quisená finda, foi a linda *soirée* musical e dançante que se realisou em casa da sr.ª D. Anna Judice de Vasconcellos, a distincta esposa do sr. coronel Pereira de Vasconcellos, um dos directores desta revista. No decurso d'essa bella noite mais uma vez se evidenciou a profunda evolução que tem soffrido nos ultimos tempos o culto, agora fervoroso da divina arte dos sons. Com facilidade entre os numerosos convidados, encontrou de momento M.ª Judice de Vasconcellos os elementos precisos para a improvisação d'um esplendido sarau musical. Cantaram, a sr.ª D. Alice Felix da Costa Monteiro, amadora notabilissima que dispõe d'uma voz magnifica, de grande volume e rigorosa afinação, o que lhe permite dar a alguns trechos de opera, como o *Sansão e Dalila* uma interpretação como raras vezes se admira em amadores; a sr.ª D. Leonor Allalo e Madame Castagnoli, por igual cantóras de grande merito e o distincto tenór sr. José de Brito; ao pianno, a eximia pianista sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso executou trechos classicos com aquelle alto relêvo artistico que de tamanho prestigio tem cercado o seu nome; e tivemos ensejo tambem de applaudir, um talento pianistico já muito promettedor, Mademoiselle Maria Luiza Bramão Reis. Por ultimo, com a graciosidade que lhe é peculiar, cantou algumas canções portuguezas n'uma linda voz já extensa e muito bem timbrada, Mademoiselle Maria Emilia Vidal Allen.

Foi portanto uma noite de pura arte, decorrendo n'um scenario que já era suggestivo pela elegancia da sua decoração e



Vida elegante — Conde de Casal Ribeiro

quantidade de senhoras presentes ostentando lindas *toilettes*. Efectivamente as sallas de Madame Judice de Vasconcellos, vastas e decoradas com muita arte e bom gosto, prestam-se singularmente para estas animadas recepções. Resta dizer que era grande a profusão de flôres, especialmente no buffete, ornamentado com arte delicada e justa sobriedade de tons.

Regista hoje o *Brasil-Portugal* um casamento aristocratico que representa a alliança de duas familias illustres e de duas almas de eleição: a sr.^a D. Maria Adelaide Calheiros, gentil filha dos srs. condes da Guarda e o sr. conde de Casal Ribeiro, herdeiro d'um nome que se notabilizou na diplomacia e nas letras portuguezas.

A nova condessa de Casal Ribeiro é muito conhecida na alta sociedade lisboeta, onde a sua delicada formosura e prendas de espirito lhe marcaram um lugar de evidencia; o sr. conde de Casal Ribeiro, logra sempre pelas suas qualidades de character, attrahir as promptas sympathias de quantos se lhe acercam. Por todos os titulos, é este um enlace promettedor de infinitas venturas.

Na sociedade elegante de Lisboa, durante alguns annos, o sr. Amadeu Ferreira de Almeida Carvalho, hoje 1.^o secretario da Legação de Portugal no Brasil, era o chronista mundano, observador e diligente e o homem do mundo impeccavel, como se fóra a encarnação d'um rigido protocolo. Um dia a sua carreira diplomatica levou-o para outros paizes e alli conquistou novas sympathias e novas afeições. Assim succedeu em Londres, onde viveu alguns annos como secretario da nossa Legação; assim succederá no Rio, onde a sua intelligencia, a bondade do seu coração, os primôres do seu character e as suas perfeitas maneiras de *gentleman* vão com certesa abrir-lhe um lugar de excepção entre o corpo diplomatico estrangeiro. As noticias chegadas do Brasil relativas á recepção que alli teve o novo diplomata são já um bom prenuncio, que registramos com o alegre alvoroço de quem ha muito o estima e aprecia devidamente.

LUIZ TRIGUEIROS.



Vida elegante — Amadeu Ferreira d'Almeida Carvalho
1.^o secretario da Legação de Portugal no Brasil

Como se fazia um padre

III

PASSOU-SE n'este quarto todo o internato de Anacleto. Ali permaneceu com um proposito — ser padre, e um aneio — sahir do seminario.
Vivendo sempre enclausurado, sem contar as curtas

Assumptos artisticos



Um detalhe da exposição de rendas e bordados de madame Reis
(Phot. de A. C. Lima)

ferias passadas, recolhidamente, no lar de uns pobres lavradores, não podia advinhar que a sua alma creasse, no futuro, outras ambições, outros aneios.

Nos fins dos annos lectivos, quando os theologos, ao concluirem o curso, lhe subiam a agua-furtada, a despedir-se, era certo ouvi-lo desejar, maguadamente:

— Se eu me apanhasse como vós! . . .

Os seus contemporaneos olhavam-no indifferentemente, porque Anacleto apenas os encontrava nas aulas, na Igreja e no refeitório.

Nunca alguém o vira tomar parte nos jogos da cêrca e rarisimas vezes seguia a comunidade, quando esta sahia, a passear, em duas filas moveiças de batinas negras, frias e viscosas, como ôdres cheios de vento insalubre, enfiados em duas cordas tensas.

Os jogos, na cêrca, pareciam-lhe tão inverosimeis como a evolução de um couraçado no lago do jardim episcopal, como uma viagem recreativa em balão, dentro de uma gaiola de arame.

Logo que, em passeio, entrava na fila, soffria a violencia de se ver arrastado, mechanicamente, pelo chão, a caminho de um tunel...

Em dias de passeio, estava sempre doente, para ficar no quarto.

O Vice-Reitor, um velho puido, que levava os dias a sorver rapé e a exaltar D. Miguel, não se sabia porquê, afeiçoara-se ao Anacleto e concedia-lhe este privilegio.

De resto, Anacleto era o mais fiel cumpridor de todas as formulas disciplinares.

Desde a noite da sua transferencia para o quarto das aguas-furtadas, isolado da vigilancia dos prefeitos, comprehendeu que só uma absoluta sujeição, uma conformidade com o ambiente lhe podia garantir a pequena cella forrada de sol.

Nos principios dos annos lectivos, tanto pedia ao medico e ao Vice-Reitor, que os dois, de commum accordo, resolvessem conservar-lhe a habitação.

— O rapaz não é doente — dizia o medico — mas tem qual-quer coisa na cabeça . . .

— Também me parece — concordava o Vice-Reitor — mas não sei porquê, gosto d'elle, gosto d'aquella cara...

— Não ha duvida que é sympathico... Mas o Vice-Reitor já lhe reparou nos olhos?

— Ainda não.

— Pois veja. A conjunctiva parece incendiada, e, olhando as pupilas accésas, tem-se a illusão de as ver cobertas pelo veu mimoso de cinza que mal vela uma brasa viva.

— O doutor tem cada uma...

— Pois repare. Na minha carreira medica, nunca assim vi uns órgãos visuaes.

O Vice-Reitor, que se immobilisara na entrada, refeito da surpresa, murmurou sorridente:

— Bella convivencia, bella convivencia, sim senhor...

— E' verdade... — respondeu Anacleto, n'um riso acanhado de turbação.

— Mas como attrahiu o senhor esta passarada?

— Eu nada fiz... Elles é que vieram. Depois, habituaram-se, e, agora, é todas as manhãs e de tarde. Alguns até ahí pernoitam.

— Mas o que é isto?! o que é isto?! — admirou, apontando um pequeno jardim de mangericões, plantados em copos, ao fundo do quarto?

Uma recita de amadores no Theatro Angrense



Grupo de interpretes da opereta «Rosas e Chrysanthemos»

Primeiro plano. — Ao centro o auctor da operetta, Dr. Manoel Antonio Lino; da esquerda para a direita as Sr.^{as} D. Maria Parreira — Boa Nova de Carvalho — Beatriz Ramos — Maria Forjaz — Julieta Lopes — Amelia Linhares — Judith Costa — Bertha Silva — Celeste Magalhães — Adelia Linhares e Georgina Forjaz.

As gravuras que publicamos n'esta pagina e na seguinte, representam duas das principaes scenas e o grupo dos interpretes e cooperadores da opereta «Rosas e Chrysanthemos», peça em um prologo e tres actos, libreto e musica originaes do abalizado medico Dr. Manoel Antonio Lima e orchestração do distincto maestro João Lopes, chefe da banda de infantaria n.º 25.

Posta em scena no theatro de Angra do Heroismo, obteve um extraordinario exito, devido não só ao seu elevado merecimento litterario e musical e á «mise-en-scene» luxuosa e artistica, como ao brilhantissimo desempenho por parte das illustres damas e cavalheiros que a interpretaram e da orchestra.

Os dois instantaneos foram obtidos á luz de magnésio, em pleno espectáculo, pelo distincto amator photographico Antonio J. Leite.

O caso dos olhos interessara o Vice-Reitor.

— Ainda hei-de ver isso — affirmara elle ao medico.

Uma manhã de feriado em que a comunidade sahira a passeio, arrastou as pernas roídas da gotta até ao quarto de Anacleto.

— Faça de conta que recebe a visita de um condiscipulo... — saudou o Vice-Reitor, entreabrindo a porta, risonho.

Um bando de pombas e pardaes que passeava, confiadamente, o soalho, esvoaçou pelo quarto como n'um viveiro assaltado do gavião, sabindo pela janella, n'um ruflar violento de azas abertas.

No ambiente do quarto ficaram voejando pennas despregadas, por entre a poeira erguida do voo.

— E' a Natureza que vem ter comigo...

— A Natureza?

— Sim, a Natureza. As sementes dos mangericões, trazidas pelo vento, nasceram ali, nas figas da janella... Não fiz mais que transplantar.

— E estão lindos, muito viçosos! Sabe o Anacleto do que precisam? Para crescerem mais e não morrerem tão cedo, cortam-se-lhes as flores com uma tesoura...

E abrindo um pequeno estojo, dispunha já a ensina-lo, quando Anacleto lhe prendeu, respeitosa, a mão.

— Eu pedia a V. Ex.^a para não cortar as flores aos mangericos...

— Deixe lá... Verá como se tornam mais verdes e crescidos...

— Mas é violentar a Natureza, e tudo quanto a Natureza dá é tão bello... — insistiu, sem desprender a mão.

UMA RECITA DE AMADORES NO THEATRO ANGRENSE — Rosas e Chrysanthemos



Uma scena do 1.º acto

Duetto de Bertha e Jayme (D. Bertha Silva e João dos Reys das Neves)

UMA RECITA DE AMADORES NO THEATRO ANGRENSE — Rosas e Chrysanthemos



3.º acto

THEATROS

THEATRO NACIONAL — Duello de Amor



Peça em 1 acto, em verso, de Silva Tavares

THEATRO NACIONAL — A Herança



Peça em 1 acto, em verso, de Lopes de Mendonça

— Pois seja feita a vontade do Anacleto. Mas olhe que se arrepende? Daqui a uns dias têm semente!

— Oxalá!... oxalá!... — notou Anacleto, com alegria.

E enquanto o Vice-Reitor, admirado, elogiava o aceio do quarto, aquelle seminarista enclausurado, olhando a Natureza pela janella, pensou, com sombria revolta:

«Porque se não respeita, em toda a creatura, os direitos que eu defendi ás minhas plantas?!...»

— Pois a respeito de passaros — interrompeu o Vice-Reitor — sabe o que lhe digo? As pombas está bem, mas os pardaes arrasam os milhos e os trigos. Corra-os ou prenda-os.

Anacleto sorriu indulgentemente.

— Isso seria uma ingratidão, uma deslealdade, seria offender o meu unico idolo...

— Oh! oh! oh! Pois ainda tem idolos — um seminarista?!

— Tenho um — apenas um.

— E pode saber-se qual é?

— A Liberdade.

— Pois assim adora a liberdade até nos pardaes?!

— A liberdade é o sangue espirital de todo o ser vivo...

Diga antes a sanguessuga da vida. Olhe: o Anacleto está novo. Vae ouvir o que vale essa senhora Liberdade — sente-se aqui.

Immediatamente, desdobrou o lenço escarlate no joelho, destampou a caixa do rapé e, sem mais se lembrar dos olhos do rapaz, começou placidamente:

«Quando o Senhor Dom Miguel, que Deus tem, entrou no reino...»

E desfechava, pela milionesima vez, a historia das luctas liberaes, sobre a paciencia do pobre Anacleto.

Quando tocou a convenção de Evora Monte, o rapé estava no fim e a comunidade chegava do passeio.

— Adeus — disse elle, levantando-se — Eu já sabia que o Anacleto tinha umas ideias suas, mas isso é sangue novo, passa-lhe. Todavia, acautele-se: os professores accusam-no de irreverente, ignorante, indisciplinado... Adeus! O Anacleto tem um bom cerebro e um bom coração, não os deixe endoidecer. E para alguma pequena duvida, conte sempre comigo...

THEATRO NACIONAL —Codigo Penal, art....



Peça em 1 acto de André Brun (Phot. de ***)



Salão da Trindade

O POEMA SYMPHONICO

De JOÃO ARROYO

Foi com intenso jubilo que assistimos ás duas audições, realizadas n'esta primeira quinzena de abril, da ultima composição de João Arroyo *O poema symphonico*, pois que executando-se a obra de um inspirado compositor nacional, vimol-a superiormente dirigida por um artista portuguez — José Henriques dos Santos.

A bella impressão de arte, que tivéramos quando, ha semanas, no amplo e severo salão de musica do dr. João Arroyo, ouvíramos o poema «symphonico» executado ao piano, pelo proprio auctor, foi agora excedida, pois a partitura, confiada aos instrumentos, para que fóra escripta, surgiu-nos em toda a grandeza polyphonica, dos seus effeitos orchestraes.

Quatro partes bem distinctas compõem o *Poema Symphonico*: n.º 1 *Un flirt*, n.º 2 *L'âme chante*, n.º 3 *Ciel d'orage*, n.º 4 *Les noces*.

A composição de João Arroyo descreve um romance d'amor, sendo cada um dos quatro movimentos animado por sentimentos diversos e a idéa melódica lançada com a segurança de um sabedor contrapontista e em que transparece a sua faculdade dominante — a de um insigne colorista; e tal deve ser a idiosyncracia de um meridional.

No primeiro andamento *Un flirt*, predomina, nos seus contornos, a elegancia e o philligranado da phrase, destacando-se o alegre e brincado motivo confiado ao clarinete, que parece soltar risadas crystalinas, e o suggestivo canto dos violoncellos, bella melodia, que desenvolvendo-se n'um crescendo de sonoridade, termina de forma grandiosa.

No segundo movimento, *L'âme chante*, a idéa melódica cheia de graciosidade e leveza, adapta-se maravilhosamente ao estado d'alma que o compositor idealisou. Este numero é um dos mais empolgantes da partitura, sobressaindo a soberba phrase do violino, a *sólo*, man-

COLYSEU DOS RECREIOS — Rigoletto

4.º acto

Antonio Sabellico (Sparafucile), Rosalia Pangrazy (Magdalena), Paganelli (duque de Mantua), Mercedes Farry (Gilda), Alfredo Mascarenhas (Rigoletto)

tendo a orquestração o auditorio n'um delicioso extasis. O publico assim o compreendeu pois, com vehemencia, tem sempre instado pela repetição d'este numero.

Ciel d'orage é o terceiro tempo, em que as intensas sonoridades orchestrâes descrevem com muito brilho e vigor o grandioso quadro da tempestade e das paixões que se desencadeiam e se entrecrocãem. No ultimo movimento — *Les noces*, a rajada da inspiração tem varrido as nuvens que toldavam o horizonte e a abobada celeste surge em

toda a sua cerulea transparencia, diffundindo-se uma calma cheia de suavidade. E' a apothese da juventude, da plena felicidade, do amor.

A nova partitura do compositor do «*Amor de Perdição*», pelo que respeita á sua brilhante orquestração, conforme com os modernos processos da escripta musical, constitue, pelo seu justo equilibrio e inspirado desenvolvimento das idéas melodicãs, um trabalho de mestre, verdadeiramente modelar

Ao terminar o poema symphonico o sr. Dr. João Arroyo foi alvo

COLYSEU DOS RECREIOS — Bohème

4.º acto

Sig.ª Leonis (Mimi), Michel Mulleras (Rodolpho), Roberto Scifoni (Marcello), Giuseppe Fernandez (Schaunard), Gaetana Lloró (Musete), Giuseppe Marti (Coline)

COLYSEU DOS RECREIOS



Companhia de opera lyrica italiana
O maestro Sebastiano Rafart

de uma delirante ovação, que tomou as proporções de apothose, partilhando, justamente, d'essas manifestações o novel maestro sr.

COLYSEU DOS RECREIOS — Sonambula



3.º acto
Mercedes Farry (Armina) e Paganelli (Elvino)

COLYSEU DOS RECREIOS



Companhia de opera lyrica italiana
O barytono portuguez Alfredo de Mascarenhas no papel
de Carlos V, da opera Ernani

Henriques dos Santos, que dirigiu com notavel pericia e consciencia toda a partitura, e os artistas que compoem a orchestra e que tanto contribuíram para o brilhantismo da execução.

Ao sr. Dr. João Arroyo e ao maestro Henriques Santos a empreza do Salão da Trindade ofertou ricas corbeilles de flores naturaes.

Não são menos dignos de sinceros encomios os distinctos e intelligentes empregarios do Salão da Trindade srs. Leopoldo O'Donnell e Monteiro, os quaes, tratando-se de fazer executar a partitura de um maestro portuguez, não vacilaram perante o adiantado da epoca e as despesas de tal commetimento, pois não movidos de premio vil, aos seus interesses, antepuzeram um gesto fidalgamente patriótico. Honra lhes seja.

FERREIRA MENDES.

THEATROS

Chronicas theatraes

Primeiras representações

Republica. — *A Labareda*, peça em 3 actos de H. Kistemaekers, tradução de Mello Barreto.

O auctor da *Labareda*, de quem já tinhamos na época passada admirado no palco do **Republica** essa outra peça intitulada *O homem fatal*, é o que em boa verdade se póde chamar — *um homem de theatro*. Como poucos, elle possui, indiscutivelmente, em elevado gráu, o segredo da movimentação de uma peça e a arte difficil, e que a tantos falha, de conduzir a acção por forma a trazer suspenso o espectador de principio a fim. Imprimindo ás suas personagens uma energia intensa, as suas peças resultam abundantes de emoções vio-

lentas, embora vivam quasi sempre n'um ambiente superficial. Um pouco á maneira de Bernstein, elle encara a situação de frente: apenas desenhados os caracteres e o meio em que se vae desenvolver a acção, entra logo a fundo no conflicto, sem rodeios, antes abertamente, rudemente mesmo. O dialogo corre natural, vivo, eloquente, sem pompas nem artificios de estylo, tão peculiares nos auctores francezes. E' esta a sua maneira, e bem honesta a nosso ver.

No seu theatro ha originalidade: foge aos assumptos banaes. O Divorcio e o Amor, themas tão apetezados sempre aos dramas turgos para base das suas peças, no theatro de Kistemaekers apparecem como episodios fugaces; e nisto differe elle de Bernstein. N'este ha a preocupação de engrandecer a mulher, collocando sempre o homem em manifesto inferioridade. Naquelle, pelo contrario, os homens são victimas do meio e dos factos; o mal que d'elles advem é resultante da sua nobresa de sentimentos: um verdadeiro paradoxo.

Assim na *Labareda* o assumpto resume-se ao facto de um coronel francez, que está dirigindo a construção de umas fortificações perto da fronteira allemã, assassinar um espião que lhe propõe a troca dos planos da fortificação pelo perdão de uma divida. O coronel ficará sendo um assassino; matou; mas a razão d'este acto engrandece-o.

E' pela Patria!... Bello assumpto esse, na verdade. Patria! Pa-

gico). Ah! Beaucourt! Matar é uma coisa horrivel! Fica-se tonto, os olhos perdidos no espaço, a cabeça vasia... Uma aversão pelo nosso proprio ser... Amaldiçoa-se a colera, o desvario que nos perdeu! Deseja-se, eu sei! — beber de um trago a propria vida; no meio d'essa tempestade que a embriaguez do sangue desencadeou! Tudo se amplifica, tudo se avoluma, tudo nos causa horror! (Pausa). Depois amnece, vem nascendo o dia... São-se do pesadelo como d'um tumulto... Quasi em transição, é o sangue frio, a serenidade, a paz... Como todas as manhãs, vesti a minha farda; — e senti-a leve como nunca! Parece que me fala) Respirei tranquillamente e vi a situação em toda a sua clareza. Não sou um assassino... sou o exercito! Foi o exercito que o matou, em batalha, no uso de um direito. Estou perdido, sim... mas um homem que impertancia tem? Cumpri o meu dever.»

Do desempenho só diremos que Brazão, Italia Fausto e Ferreira da Silva, foram soberbos na interpretação dos seus papeis, realizando por completo a ideia do auctor, tendo sido secundados excellentemente por Jesuina Saraiva, Chahy Pinheiro e Henrique Alves, que em personagens episodicos foram de uma correcção extrema.

MANOEL RUY.

THEATRO DA AVENIDA



O quadro novo «Controle Popular» da revista «Alerta»

(Phot. de A. C. Lima)

Noticias e Reclamos — Animatographos

lavra de uma sonoridade e magia taes, que depois d'ella só outra conhecemos que a egual: Mãe! Pronuncia-a, é recordar n'uma encantadora visão todo um passado; é sentir as amarguras do presente e antever a medo n'um desalento a incertesa do porvir; é correr-nos o corpo um fremito de enthusiasmo; é a força; é a Vida!

Pela reprodução que se segue de uma das scenas mais culminantes da peça o leitor avaliará de quanto deixamos dito:

FELT — Não saia. Ainda não acabámos.

BEAUCOURT — Engana-se.

FELT — Não. Não acabámos. Agora é preciso que saiba tudo.

Glogau...

BEAUCOURT — Nada quero saber. Justificar-se-ha perante a justiça.

FELT — Da justiça só espero a sentença; do senhor espero alguma cousa de mais humano. Sabe o que era Glogau?

BEAUCOURT — Ainda uma vez...

FELT — Era um espião!

BEAUCOURT (*parando de repente, em um dos degraus da escada*) — O quê?

FELT — E agora?... quer ouvir-me?

BEAUCOURT (*descendo*) — Um espião!...

FELT — Um d'esses instrumentos abjectos, que provocam a repulsão, mesmo d'aquelles que os utilizam. Não pretendo justificar-me: — explico o que se passou. Tinha se introduzido na minha vida para exercer melhor a sua ignobil profissão. Todos nós, inconscientemente, o auxiliavamos: o Barão, que o recebia; o senhor, que lhe apertava a mão; eu, que me deixava prender, de olhos fechados, nas suas machinações. Emquanto esperava melhor presa, o miseravel ia-se apoderando das nossas impressões, dos nossos receios, das nossas esperanças... e tudo isso passava pouco a pouco, para o estrangeiro...

BEAUCOURT (*aterrado*) — Mas é impossivel!

FELT — E' a verdade São ás centenas, entre nós esses nojentos! Mas Glogau era mais ambicioso que os outros. Queria um golpe de mestre: — apoderar-se dos planos da nossa obra de defeza mais importante...

BEAUCOURT — Drieux!

FELT — Drieux! (*Pausa*). Ah! tem o que elle me propoz esta noite, com o maior cynismo. Não acabou a phrase... (*outro silencio tra-*

Colyseu dos Recreios — Continua agradando em extremo n'esta casa de espectaculos a excellente companhia de opera italiana que ultimamente nos deu, esplendidamente desempenhadas, as operas *Palhaços* e *Cavaleria Rusticana*, em que tomaram parte Cesarina Lira, a intelligente artista portugueza que já no anno passado se fizera applaudir na *Aida*, e o barytono Alfredo de Mascarenhas, tambem portuguez, que na primeira d'aquellas operas tem um excellento trabalho. Preparam-se para breve as operas *Manon*, *Lohengrin* e *Mephistophles*, que serão postas em scena com scenario completamente novo.

Paganelli, Mulleras, e as sr.^{as} Bice Cocchi e Martinengo e todos os demais artistas têm visto o seu trabalho coroado do melhor exito.

Trindade — *As duas nobregas* é a fita de maior sensação que actualmente se exhibe n'este cinematographo, constituindo 3 actos com 1.500 metros, extremamente interessantes e comovedores.

Além d'isso os concertos continuam prendendo a attenção dos amadores de boa musica.

Olympia — N'este salão, ponto de reunião da nossa sociedade elegante, têm obtido extraordinario successo as fitas *O sr. Director*, com 1.000 metros e *A Bailarina*, estreitando-se brevemente novas fitas.

Salão Central — *Amor vence* e *Passeio automobilista*, soberbas fitas em 3 actos, têm chamado grande concorrência de publico a este elegante animatographo, bem como os concertos que têm causado grande enthusiasmo.

Chiado Terrasse — Continua exhibindo-se com exito a fita em 4 partes *O Segredo do forçado* e os *Funeraes do Rei da Grecia*, preparando-se para breve novas fitas, entre ellas a sensacional *Tigris* 2.000 metros.

Chantecler — Extraordinaria fita falada com musica e côros, *Alibabá ou os 40 ladrões*, medindo 650 metros, em 2 actos; Um verdadeiro acontecimento, que o publico acolheu com extraordinario agrado.